

Histórias fragmentadas nas memórias do ABC Paulista

Barbara Heller

Universidade Paulista (UNIP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil. Contato com a autora: bheller.sp@gmail.com.

Orcid: 0000-0002-8997-0155.

Priscila F. Perazzo

Universidade Municipal São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Caetano do Sul, SP, Brasil. Contato com a autora: prisperazzo2@gmail.com.

Orcid: 0000-0001-9073-075X.

Resumo: Apresentamos e analisamos os estudos da memória realizados pelo Núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS). Pretende-se nesse artigo identificar que memórias vêm sendo construídas nesse núcleo a partir das narrativas dos próprios personagens locais que contam suas histórias de vida e as deixam registradas em um acervo organizado. Enfatizamos a importância da subjetividade e das narrativas orais de histórias de vida para a preservação da memória local, pressupostos encabeçados, entre outros, por Beatriz Sarlo, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, João Carlos Sebe Meihy, Lucia Santaella, referenciados no artigo. Os relatos dos depoentes, que se organizam por meio da linguagem verbal oral, são discursivos e também imagéticos e podem ser apresentados por dois vídeos Lembranças das cidades (2004) e Narrativas orais de histórias de vida (2017). Esses produtos audiovisuais não são o foco de nossa análise. Concluimos que por meio desses estudos é possível conhecer e imaginar o passado, o presente e o futuro da região numa perspectiva de história fragmentada, alinhada aos estudos da história não-positivista.

Palavras-chave: Narrativas orais. Histórias de vida. Memória. Subjetividade. Imagem.

Abstract: We present and analyze the memoir studies carried out by the Núcleo de Memórias do ABC (Memoirs Center of ABC), of the Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS) (São Caetano do Sul Municipal University). In this article, one intends to identify what memoirs have been built from the narratives of the local characters themselves, who tell their own lives' stories and keep their records in an organized collection. We emphasize the importance of subjectivity and oral narratives of life stories for the preservation of the local memoir, assumptions that are headed by, among others, Beatriz Sarlo, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, João Carlos Sebe Meihy and Lucia Santaella, all of whom are referenced in the article. The reports of the deponents, which are organized through oral verbal language, are discursive and also imagetic, and may be presented in two videos produced by the researcher group: Lembranças das cidades (2004) (Remembrances of the Cities) and Narrativas orais de histórias de vida (2017) (Oral Narratives of Life Stories). These audiovisual products are not the focus of our analysis. We conclude that by means of these studies it is possible to know and imagine the past, the present and the future of this region, in a fragmented history perspective, aligned with studies of the non-positivistic history.

Keywords: Oral narratives. Life stories. Memory. Subjectivity. Image.

1 Introdução

Como construímos e reconstruímos, continuamente, as memórias de um determinado local, de um grupo social ou de uma comunidade cultural? Como contamos nossas histórias e para que elas servem? São histórias verídicas ou ficções baseadas na imaginação dos narradores? Qual o papel das histórias de vida para a (re)construção de nossas memórias sociais?

Para responder a essas questões iniciais escolhemos, para esse artigo, partir da experiência dos estudos de memória local realizados pelo Núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Seus pesquisadores, há 15 anos, vêm registrando continuamente as narrativas orais de histórias de vida de pessoas que, de alguma maneira e, em algum momento, viveram nessa região, localizada no sudoeste da capital paulista, no estado de São Paulo, tendo como interesse primordial compreender, a partir dos relatos de suas lembranças e da constituição das memórias, a sociedade em que os sujeitos se inserem.

Por meio das narrativas orais de histórias de vida como método, os pesquisadores do Núcleo buscam respostas para questões sobre a memória desse local, tais como: Que memória da região do ABC - ao menos das três cidades, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul - tem sido construída a partir dos registros das lembranças narradas por esses sujeitos da ação e da história local? Ou, em um segundo momento, que memória sobre o ABC Paulista foi constituída a partir desse acervo de histórias de vida coletado pelo Núcleo nesses quinze anos?

Trata-se, portanto, de uma investigação que tem duas formas distintas, mas complementares, de recuperação da memória desse espaço geográfico, que é também afetivo: o lembrado espontaneamente pelos sujeitos da ação e o construído a partir do acervo que, por sua vez, molda as narrativas das gerações subsequentes.

Desses questionamentos que surge, então, o objetivo a ser debatido nesse texto: identificar que memória vem sendo construída no Núcleo de Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, a partir das narrativas dos próprios personagens locais que contam suas histórias de vida e as deixam registradas em um acervo organizado pelo Núcleo e são divulgadas em vídeos produzidos a partir desse acervo.

2 Ponto de partida: as memórias do ABC

Como ponto de partida, apresentamos um breve relato dos trabalhos desenvolvidos no núcleo Memórias do ABC nos últimos 15 anos. Foram mais de 20 investigações, tendo a região como tema e a história oral como posicionamento teórico-metodológico. Entre os diversos assuntos abordados nessas investigações, destacamos alguns, organizados em quatro grandes blocos. O primeiro relaciona-se aos *aspectos culturais e seus agentes*: movimento teatral da região e seus grupos amadores, papel das atrizes; mecanismos de censura ao teatro; salas de cinema, experiências de ir ao cinema e algumas práticas cinematográficas, como a da Cia.

Vera Cruz. O segundo abarca questões relacionadas ao *trabalho*: a profissão das professoras, das operárias e das mulheres afrodescendentes; a formação de artistas profissionais, rádios e cantores da região entre os anos de 1950 e 1960, a atuação de jornalistas e escritores literários. A *imigração europeia* para a região forma o terceiro bloco: a presença cultural de italianos, espanhóis, portugueses, alemães, austríacos, romenos, bessarábios, búlgaros, iugoslavos, húngaros. Hábitos culinários, identidade migrante, as línguas estrangeiras como fatores de identidade, celebrações, festas e rituais desses estrangeiros e descendentes que, desde o final do século XIX, fazem parte da formação socioétnica da região também pertencem a esse segmento de pesquisa. Processos de migração interna, de trabalhadores que se deslocaram de outras regiões do Brasil, a partir da década de 1950, para ocuparem postos de trabalhos nas indústrias automobilísticas, além das transformações urbanas das cidades, compõem a *formação social local*, o quarto grande grupo de investigação.

Evidentemente, os limites entre esses quatro grandes blocos temáticos são instáveis, uma vez que muitos de seus componentes são híbridos. Os dados para os temas das pesquisas provêm das narrativas orais das pessoas que contaram suas histórias de vida aos pesquisadores. Nos relatos de memória, as informações não são dispostas de maneira linear ou cronológica, muito menos em categorias pré-estabelecidas. São as experiências de vida que se sobressaem nas narrativas e elas não necessariamente obedecem às categorias elencadas por pesquisadores, acadêmicos ou cientistas. Ao contrário, os pesquisadores é que constroem as categorias a partir dos assuntos que os relatos oferecem, posicionamento metodológico que os pesquisadores do Memórias do ABC consideraram mais adequado à constituição de suas investigações. Dessa maneira, uma mesma entrevista de uma única pessoa pode trazer informações várias sobre qualquer um dos quatro blocos organizados que foram pensados a partir de propostas temáticas de pesquisas realizadas pelo Memórias do ABC.

Como os sentidos compartilhados e organizados ordenam e administram a vida em sociedade (HALL, 2016, p.22), as categorias de classificação permitem ao pesquisador mostrar o que nem sempre é visível na vida cotidiana. Nesse sentido, para analisar, por exemplo, os aspectos culturais do Grande ABC, também se devem considerar a imigração e a formação social, para citarmos um único exemplo. No entanto, para atingirmos rigor acadêmico e levantamento mais preciso de dados, fez-se necessário, em um primeiro momento, separar seus elementos para depois, na análise, relacioná-los de forma orgânica. Adotamos a perspectiva assumida por Stuart Hall (2016, p. 20): a de que “as coisas ‘em si’ raramente – talvez nunca – têm um significado único, fixo e inalterável”. Mais ainda: como sempre atribuímos sentidos variados aos objetos culturais “[...] nós os integramos de diferentes maneiras nas práticas e rituais cotidianos e, assim, investimos tais objetos de valor e significado” (HALL, 2016, p. 22).

A partir desses quatro grandes temas, pessoas comuns eram identificadas e convidadas a gravarem em áudio e em vídeo suas lembranças. Ao longo dessa trajetória de trabalho, constituiu-se no Memórias do ABC um tipo de entrevista denominado “Narrativas Oraís de História de Vida” (PERAZZO, 2015), com a pretensão de relacionar propostas advindas da História Oral

temática com a História Oral de vida. Seguiram-se os procedimentos e conceitos elaborados por João Carlos Sebe Meihy (2015). Para ele, enquanto a História Oral temática centra-se em um tema específico, definido como foco central, a História Oral de vida trata da “narrativa da experiência de vida de uma pessoa” (2005, p. 147) e seu procedimento fundamental é a entrevista.

Mas não foi apenas na coleta de depoimentos – temáticos e de vida – que o Núcleo se pautou. Os pesquisadores acrescentaram à prática metodológica dos relatos orais a coleta de imagens e objetos relacionados às próprias histórias ali contadas. Isso deu origem a um amplo acervo de imagens digitalizadas (desenhos, caricaturas, livros, capas de disco etc. e, na maioria, fotográficas), cuidadosamente agregado aos relatos orais gravados em vídeo e às transcrições das entrevistas, entre outros textos arquivados nesse acervo.

Todos esses objetos digitais compõem o banco de dados hiper mídias do Núcleo, denominado *HiperMemo*: arquivos em formatos de texto, áudios, imagens estáticas (como fotografias) e imagens em movimento (como vídeos), representando um “espaço virtual de conservação ou acúmulo de informações resgatadas nas lembranças das pessoas que narram suas histórias de vida” (GOULART; PERAZZO, 2013, p. 111).

As lembranças analisadas levam o pesquisador a uma diversidade de informações. A narrativa de uma única pessoa, transforma-se, assim, em uma rica fonte, com muitas possibilidades de investigação:

Já disseram que cada ser humano é uma biblioteca, fonte singular de conhecimento. Saber ouvir cada um, compondo as diferentes visões, revela-se assim um exercício básico de cidadania – parte essencial da aprendizagem e desenvolvimento humano (WORCMAN, 2006, p. 10).

O *HiperMemo*, sistema que abriga o acervo, deriva, assim, dos resultados das investigações do Memórias do ABC e desse conjunto de dados hiper mídias. No entanto, isso não seria possível sem a implementação de um eficiente sistema de informação. Na atual sociedade digital tais ferramentas são imprescindíveis tanto para a pesquisa científica, quanto “para o cidadão comum, que poderá se reencontrar consigo, com seus familiares, com os de sua comunidade ou, enfim, com a sua própria humanidade” (GOULART; PERAZZO, 2010, p. 23). Nesse sentido, o acervo ali reunido representa uma “biblioteca singular de conhecimento” sobre as pessoas das cidades do ABC Paulista, como se fossem muitos “livros de histórias”.

3 Como o acervo e as investigações vêm construindo as memórias da região

Em *A memória, a história e o esquecimento*, Paul Ricoeur (2007, p. 250-251) nos apresenta duas possibilidades sobre o lugar da narratividade na “arquitetura do saber histórico”. Uma delas considera a narratividade como “solução alternativa à explicação/ compreensão” do fato histórico, buscando seus sentidos causais, ou seja, o porquê dos acontecimentos históricos. A outra a remete a outro plano, isto é, ao lugar da explicação, ela opera tão somente como

seu acompanhante e sua sustentação. O que nos interessa aqui, portanto, é a segunda face da narratividade da história, a que não se deve esperar que “preencha uma lacuna da explicação/compreensão” (RICOEUR, 2007, p. 251). Segundo Ricoeur (2007, p. 251), o acontecimento é¹ o objeto da narrativa e “as narrativas dos contemporâneos ocupam um lugar privilegiado entre as formas documentais”.

Tomando a esfera da linguística, sabemos que a narrativa é sempre uma forma de discurso e, portanto, sujeita a conflitos e a disputas. Como “os discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento”, é natural que existam diferentes posições políticas e teóricas em suas formações discursivas – estratégias que definem que “tipo de conhecimento é considerado útil, relevante e ‘verdadeiro’ em seu contexto” (HALL, 2016, p. 26).

Para a escola narrativista norte-americana, por exemplo, a narrativa “é digna de entrar em competição com os modos de explicação que as ciências humanas teriam em comum com as ciências da natureza” (RICOEUR, 2007, p. 253), mas, para os historiadores dos *Annales*, com quem nos alinhamos,

... a narrativa constitui obstáculo à história-problema enquanto coletânea de acontecimentos pontuais e forma tradicional de transmissão cultural (...). Em relação ao conflito entre compreender e explicar, as interpretações narrativistas tendem a recusar a pertinência dessa distinção na medida em que compreender uma narrativa e, conseqüentemente, explicar os acontecimentos que ela integra e os fatos que ela relata. A questão será por conseguinte saber até que ponto a interpretação narrativista dá conta do corte epistemológico surgido entre as histórias que são contadas (*stories*) e a história que é edificada sobre os rastros documentais (*history*) (RICOEUR, 2007, p. 252-253).

Dessa maneira, o que podemos apreender é que, ao lidarmos com relatos orais, encontramos narrativas da história que não têm a intenção de nos explicar o porquê dos acontecimentos, sob a perspectiva da causalidade como fator de explicação para o acontecimento. Essas narrativas orais, as “*stories*”, acompanham a história, sem a pretensão de explicá-las. Apenas nos contam a história. Isso se dá de maneira diferente da forma “historiadora” de contar a História, ou seja, trata-se de acionar determinadas formações discursivas em detrimento de outras:

Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta do devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. Além disso, ao ultrapassar o limiar da escrita, ele se mantém em guarda, abre um olho crítico e exige, senão um discurso verdadeiro comparável ao de um tratado de física, pelo menos um discurso plausível, admissível, provável e, em todo caso, honesto e verídico; educado para detectar as falsificações, não quer lidar com um mentiroso (RICOEUR, 2007, p. 275)

Conseguimos, então, nesse momento, perceber a diferença entre a história e a memória. A narrativa da memória nos aproxima muito mais de uma dimensão literária do relato e, aparentemente, nos afasta das ciências da natureza, dos mecanismos racionais de explicação dos acontecimentos. Mas isso é apenas aparente. Voltaremos a essa reflexão mais adiante. O

1 Grifo nosso.

que importa nesse momento é compreendermos as diferentes narrativas e suas tensões sobre os acontecimentos.

Podemos afirmar, a essa altura da discussão teórica, que “a narrativa dá a entender e a ver” (RICOEUR, 2007, p. 276). Segundo Ricoeur (2007) a junção de uma sucessão de quadros que descrevemos de uma situação qualquer constrói imagens que nos fazem ver aquilo que estamos construindo em representação

Lucia Santaella e Winfried Nöth (2008) também nos ajudam na reflexão sobre como os relatos despertam imagens mentais nos seus interlocutores. No livro *Imagem: cognição, semiótica, mídia* os autores afirmam que o mundo das imagens se divide em dois “domínios”. O primeiro é ocupado pelas imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, imagens cinematográficas, etc. O segundo “é o domínio imaterial das imagens na nossa mente”, uma vez que “não há imagens como representações visuais que não tenham surgido na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais” (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p.15).

Voltemos, então, para as imagens e narrativas orais das Memórias do ABC.

Os pesquisadores possibilitaram a produção de relatos orais de seus depoentes depois de evocadas suas lembranças. Estes, por sua vez, produziram dados narrativos e iconográficos e construíram um discurso, ou seja, contaram uma história.

Por sua vez, a partir desses dados, os investigadores da memória na região do ABC construíram uma outra memória a partir da história dessa região, baseada exclusivamente nos relatos orais das pessoas. De que tipo de memória se trata, então?

Como estão inseridos na cultura audiovisual e digital, produziram, também, resultados de pesquisa em vídeo, apropriando-se das variadas possibilidades de comunicação e tecnologia que atualmente se encontram disponíveis e ao alcance de todos. Essas gravações não tiveram propósito cinematográfico, tampouco televisivo, mas tão somente acionar um tipo de narrativa audiovisual documental nos moldes mais tradicionais e do senso comum da organização de um discurso, quando registrado por uma câmara. Os vídeos apenas pretendem tornar “visíveis” as narrativas dos depoentes e as imagens fotográficas pesquisadas. Portanto, não são objeto de análise desse texto, uma vez que sequer foram pensados como *corpus* com propósitos previamente formulados. Ao contrário: são apenas uma materialidade por meio da qual podem-se enxergar a narrativa construída, seus depoentes e objetos.

Por sua vez, como todo discurso, as gravações dos resultados de pesquisa do Memórias do ABC contêm uma intencionalidade intrínseca o que nos levou assim a questionar que memória local está sendo construída e, em seguida, veiculada pelo Núcleo Memórias do ABC, considerando a produção de vídeos a partir dos dados coletados na pesquisa.

Seguimos, de agora em diante, com a reflexão desses vídeos como suportes materiais da narrativa da memória e, enfatizamos, não como produtos audiovisuais da ordem dos documentários ou outros afins. Pretende-se, sim, pensar sobre como a memória e a história das cidades e das pessoas do Grande ABC foram contadas, tomando como foco, única e

exclusivamente, a narrativa da memória. Para essa análise, optamos por descrever apenas dois deles, tomando a primeira produção em 2004 e a última em 2017.

3.1 O vídeo inaugural – *Lembranças das cidades*

Tomemos como exemplo *Lembranças das cidades*², o primeiro vídeo produzido pelo Memórias do ABC da USCS em 2004, sob a coordenação de Priscila Perazzo e Vilma Lemos, em conjunto com pesquisadores de iniciação científica à época, estudantes de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Rádio e TV.

Dos 10'40 de duração, os primeiros 1'26 são usados para apresentar conceitos fundamentais sobre história, história de vida, história oral, memória coletiva, patrimônio cultural, lembranças, imaginário social etc. No primeiro depoimento, de uma senhora que à época tinha 75 anos, são entremeadas imagens de arquivo da Catedral do Carmo, de Santo André, enquanto a senhora conta suas impressões do lugar, uma vez que morava próxima desse local. São fotos da sua construção, de sua vista aérea, do bairro que aparecia em seu entorno. O depoimento seguinte, de um homem de 65 anos, gira em torno da formação do Parque das Nações, que, segundo ele, dividia a cidade de Santo André em “os prá lá da linha” e “os prá cá da linha” férrea Santos-Jundiaí. Era o bairro onde morava, que ficava depois do lugar nobre da cidade - “prá lá da linha”. O terceiro depoimento, de uma mulher aos 53 anos, também toma como ponto de partida a linha do trem para explicar seu endereço de origem e suas caminhadas para se deslocar pela cidade até chegar em sua escola. Também comparecem imagens de arquivo, da rua Oliveira Lima, “a rua mais importante de Santo André”. Junto com sua descrição verbal oral, aparecem as imagens, em branco e preto, das lojas e do comércio que a depoente também lembra e relata. Menina do interior, conta que tinha medo de circular pela cidade e menciona o bairro Ipiranguinha, onde foi parar depois de se perder com uma vizinha. Novamente as imagens ilustram suas memórias: “Que medo! Chegamos em casa chorando com essa aventura nossa!”. A mesma avenida é citada no depoimento seguinte, de uma ex-professora, com 63 anos na época da gravação. Sua ênfase recai no transporte de ônibus que já ocorria na mesma avenida. Foto de arquivo de um ônibus parado em algum trecho dela é entremeadada em sua fala, juntamente com a de outro lugar, o Paço Municipal, um dos locais alcançado por essa linha. A lembrança da casa da avó é evocada quando a depoente conta o caminho que fazia para visitá-la, na rua “Catequese”. Não havia asfalto e o mato também fazia parte da paisagem urbana. Ia-se para São Bernardo a pé. Nesse momento, comparece uma imagem de uma rua de terra e, na seguinte, um grupo familiar caminhando em alguma rua, não identificada, também de terra. Em seguida, uma outra senhora, de 74 anos, conta que foi pioneira na Vila Dora, quando estava grávida de sua segunda filha, em 1949. Conta da demolição da Casa Publicadora para dar lugar à antiga loja do Mappin, que se tornou posteriormente o Shopping ABC. A depoente viveu 50 anos nesse bairro e diz que acompanhou o desenvolvimento do local. O vilarejo de

2 Disponível em <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br/?page_id=199>.

Paranapiacaba, com suas duas salas de cinema, é lembrado na entrevista seguinte, assim como a *São Paulo Railway* (a estrada de ferro Santos-Jundiaí), novamente. Há, de novo, uma foto de arquivo em preto e branco. Os ingleses e suas construções também são lembrados: o cinema, a sala para jogos e o Grupo Escolar, encostado em uma biblioteca com a respectiva imagem. Lira Serrana e, “do outro lado”, a Flor da Serra, são os nomes das salas de cinema da época. “Minha paixão era o cinema, mais que a leitura”. O depoimento seguinte é de um senhor com 63 anos e residente em São Caetano do Sul há 60. Lembra da Avenida Goiás como um caminho de terra, com três casas pequenas. A imagem de um trecho da avenida também é mostrada. Os cortiços de dois andares também são lembrados, bem como os nomes das ruas que foram se alterando com a passagem das décadas. “Tem certos dias em que eu penso em minha gente e sinto assim todo meu peito se apertar...”. Com esses versos e os seguintes da famosa canção “Gente Humilde”, de Chico Buarque, a última depoente, aos 60 anos, termina o vídeo, com diversas imagens, em preto e branco e também coloridas, de diversos trechos do ABC. Nos segundos finais, sobrepõe-se a voz de Chico Buarque, enquanto sobem os créditos dos que trabalharam no vídeo.

Vemos, por essa breve descrição, que os depoentes gravaram suas histórias quando tinham entre 50 e 75 anos e, vez por outra, para se referirem aos locais que marcaram suas memórias, ativam seus afetos: a casa dos avós, o cinema, o passeio com a amiga, etc. Lembrar de como eram as avenidas, ermas e sem asfalto, os fazem rir, graças às inimagináveis transformações por que os bairros passaram nas últimas décadas.

A linha de trem e as de ônibus serviram como referência para ilustrar as graduais facilidades de deslocamento dos moradores da região nos últimos 50, 60 anos. Se antes se sujeitavam a longos percursos a pé, enfrentando pinguelas, mato e barro, com o advento dos transportes públicos deixam de ser exclusivamente pedestres e, com isso, se apropriaram melhor do entorno.

Tais relatos são sempre permeados por risos e sorrisos, uma vez que condições de deslocamento tão adversas são impensáveis para as gerações mais jovens, os interlocutores invisíveis dos vídeos.

Não se nota em nenhum depoimento algum tom de ressentimento ou de pesar que as condições do bairro apresentavam à época. Ao contrário: servem para mostrar a visão de mundo alterada à medida que envelheceram, juntamente com as transformações urbanas da região.

A ausência de datas precisas ou de eventos significativos das políticas urbanas nas narrativas, tais como a inauguração de estações de trem ou de (re)abertura de vias, comprova o que Seligmann-Silva (2003, p. 17) afirma em um de seus textos: “Nunca haverá coincidência entre discurso e ‘fato’, uma vez que a nossa visão de mundo sempre determinará nossos discursos e a reconstrução da história”.

Não há preocupação com uma “verdade”, com um fato histórico “comprovado”. Trata-se tão somente de discursos que são ao mesmo tempo individuais e também coletivos, uma vez que os relatos se inserem em um contexto que é comum a todos.

Trabalhar com a memória das narrativas orais de vida é buscar a memória coletiva não

mais apenas nos textos e nas palavras, “mas nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico” (LE GOFF, 1990, p. 472).

Outra interlocutora que nos ajuda a entender melhor esses depoimentos sobre o passado é Beatriz Sarlo (2007, p. 13), em seu livro *Tiempo Pasado*. Para ela, não se elimina o passado – “[...] *el tiempo del pasado es ineliminable*” – falamos dele no nosso tempo presente e muitas vezes ainda invocamos o futuro: “*Del pasado se habla sin suspender el presente y, muchas veces, implicando también el futuro*”.

A recordação nos remete ao passado, mas somente se estiver sustentado por algum tipo de narração, produzido exclusivamente por aquele que lembra: “*en la medida em que se lo [el pasado] organice mediante los procedimientos de la narración*” (SARLO, 2007, p. 13).

Para os estudiosos da memória, a ideia de compreender o passado pela narrativa obedece à mesma lógica dos historiadores, isto é, a de que isso é completamente possível desde que se reconheça o simbólico no interior de cada realidade histórica e se confrontem as representações históricas com as realidades que elas representam (LE GOFF, 1990, p. 12).

Pode-se alcançar o passado, ainda, quando este é evocado pela perspectiva de um sujeito. Como na literatura, o narrador em primeira pessoa e o discurso indireto livre conferem modos de subjetivação, nos quais se misturam relatos e explicação (SARLO, 2007, p. 21 e LE GOFF, 1990, p. 12).

Ao recuperar o ponto de vista da primeira pessoa do relato podemos reconstruir a textura da vida e a verdade da rememoração. Dessa maneira a história oral, os testemunhos e as narrativas de histórias de vida devolvem a vida (privada, pública, afetiva, política) ao sujeito que narra. Também é por meio delas que se torna possível ao sujeito que conta recuperar sua autoconfiança, seja para conservar a recordação, seja para reparar uma identidade que pode ter sido prejudicada (SARLO, 2007, p. 22). Eis o caráter comunicativo da memória: nos capacitar a contar sobre o passado, sobre as pessoas, sobre nós mesmos.

É dessa maneira que nos colocamos em relação ao passado. Não o tempo das coisas, ou o tempo da História, mas o “meu” tempo; o tempo da primeira pessoa do singular (como nos ensinou Beatriz Sarlo), o tempo do sujeito que conta, que sente e que vive essa história.

3.2 O vídeo mais recente – *Narrativas orais de histórias de vida*

O vídeo *Narrativas orais de histórias de vida* é o último, até o momento de redação desse texto, produzido pelo Núcleo Memórias do ABC, em abril de 2017, com as pesquisadoras e estudantes de graduação de Rádio, TV e Internet da Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS), Joyce Moraes e Tayná Meirelles. Treze anos após o primeiro vídeo, *Lembranças das cidades* (2004), este também se propôs a apresentar o núcleo de Memórias do ABC, a retomar o trajeto e a avaliá-lo.

Assim como no primeiro vídeo, esclarece o método no primeiro minuto da filmagem. Uma voz em *off* narra o seguinte texto, enquanto imagens de pessoas comuns, preparando-se

para dar seus depoimentos, são exibidas:

Trata-se de um método que permite avançar para além da história e dos documentos oficiais. As narrativas orais contribuem de forma ampla para a vida social. O sujeito é colocado em cena e ao narrar se revela como protagonista de sua própria história e de seu lugar no mundo.³

Nos minutos subsequentes, com imagens de satélite e de arquivo, explica-se que são sete as cidades que compõem a região do Grande ABC, situada no sudeste paulista, e que o relato teria como data inicial o ano de 1867, quando foi inaugurada a estrada de ferro *São Paulo Railway*.

O primeiro entrevistado, de 67 anos, conta sobre os vagões do trem: os de primeira classe, mais caros “era[m] um chiquê só!” e, os de segunda, de madeira, bem mais baratos. Ainda relata que costumava comprar a passagem para a segunda classe e, depois, mudava-se para a primeira, havia assentos vagos.

Na sequência, relembra o trem “Litorina”, menor, com apenas três vagões, mas ainda luxuoso. Relata com precisão o horário de partida, em Santo André: 7h10, e de chegada, na Estação da Luz, em São Paulo: “7h30 você está desembarcando na Luz. Era sagrado”. Assim, a linha Santos-Jundiaí, que facilitou a instalação de fábrica em seu percurso, é novamente citada, com imagens de vídeo em arquivo, em preto e branco.

A mesma voz em *off* comenta que, em 1877, chegaram os primeiros italianos, mas que somente a partir de 1900 é que ocorreu uma industrialização mais efetiva. Também são mostradas diversas imagens de arquivo, como a construção de edifícios e galpões. Reforçando esta informação, segue o depoimento seguinte, de um descendente de italianos, aos 63 anos no momento da gravação do depoimento, um dos poucos remanescentes da família.

“A gente pode dizer que São Paulo é a maior cidade italiana fora da Itália por causa dos descendentes italianos”. Com esse enunciado, o depoente seguinte, com 64 anos, coordenador de Relações Internacionais da USCS e da USP, reforça o conteúdo anterior.

A edição deste vídeo, ao voltar ao depoente de 63 anos que comenta a chegada de seu avô italiano e a formação da família em São João Batista, no interior de São Paulo, exemplifica a história oficial da migração italiana. Na sequência, o mesmo professor retoma a fala, para explicar a forte afluência de outros imigrantes para São Paulo. A voz em *off* anuncia, então, a década de 1930 e o depoente, descendente de italianos, retoma sua fala.

O vídeo modifica o tom melancólico no depoimento seguinte, de um homem de 65 anos, que lembra a impossibilidade de o bairro crescer, uma vez que nem havia ainda luz elétrica.

Novamente o filme volta ao mesmo entrevistado de 63 anos que, desta vez, fala mais de seu pai e da influência da indústria de automóveis *General Motors* (GM) sobre a família: “A primeira vez que entrei na GM foi na barriga da minha mãe”, que também trabalhava lá.

Os anos de 1930 a 1945 são lembrados pela voz em *off*. Uma senhora de 83 anos diz não

3 Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/0Bxsy3kmBFVL7YjBUYjRfSX-F0Mms>>. Acesso em 25 jul. 2017.

se recordar muito bem destes eventos, mas relata que seu pai, residente na Alemanha na época, se posicionou politicamente contra o regime nazista, foi preso e morreu: “deu zebra”. Sua mãe, ajudada por familiares, conseguiu embarcar com a filha para o Brasil e vir ao encontro de sua irmã, já imigrada com a família para Santo André.

O depoimento seguinte é de um senhor com 64 anos à época, que fez o caminho inverso: do Brasil para a Europa, em plena II Guerra, como radiotelegrafista. A primeira coisa que relata é a música que todos cantavam ao embarcar: “Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem...”.

O vídeo retoma a voz em *off*, com a data de 1948 e o movimento dos Autonomistas, que pediam a emancipação de São Caetano do Sul em relação a Santo André. Novamente o depoente, filho de italianos, dá sequência à sua fala e comenta que, à época, tinha apenas seis anos, mas assistia aos comícios sem saber muito bem de que se tratavam.

A década de 1950, período da instalação das indústrias metalúrgicas e da chegada dos imigrantes nordestinos, é lembrada pela voz em *off*. Um depoente de 61 anos conta que uma Kombi percorria os bairros em busca de mão-de-obra. Em seguida, uma senhora de 79 anos relembra um acidente de trabalho, uma explosão de pólvora, quando foi jogada ao ar. Grávida de dois meses, conseguiu sobreviver e foi transferida para outra função na indústria.

O vídeo passa para 1960 e a narração em *off* explica o período da ditadura e a resistência em São Caetano do Sul contra a censura, a tortura e os desaparecimentos políticos.

“Era muito difícil falar sobre isso porque nossos amigos começaram a desaparecer nesse tempo”, comenta uma depoente de 55 anos. “Claro que não era só a censura. A gente saía a campo para protestar contra uma série de iniciativas desse governo. A gente saía em passeatas, fazíamos protestos nas praças (...)” relata outro depoente, ator de teatro, que já havia comentado sobre a industrialização em São Caetano do Sul.

A mesma senhora que comenta sobre os amigos desaparecidos, continua sua fala e a importância da arte para a resistência. Destaca, ainda, o papel do depoente anterior, o ator de teatro, que foi “perseguidíssimo dentro do regime porque as peças dele eram contrarrevolucionárias”.

“Aquilo foi triste”, a fala de um dos depoentes anteriores fecha esse segmento. O seguinte, a década de 1970, é apresentada em *off*: as greves dos operários por melhores condições de salário. A depoente de 55 anos, que lamentou o desaparecimento dos amigos, recupera suas memórias: as greves, a formação do fundo de greves, a colaboração da Igreja, a formação do Partido dos Trabalhadores [PT]. “Quem deu o pontapé inicial foi a Igreja Católica Alemã, na Rua do Bosque, em Santo André”.

“Estou muito constrangido com tudo que passou naquela época. A gente como patrão estava sempre em apuro. Qualquer coisa que havia. Mandava parar a indústria, tudo, [sic] se não parava eles entravam e quebravam tudo”, relembra o entrevistado de 63 anos, que comentou sobre seu avô em São João da Boa Vista.

O final do vídeo é a voz em *off* que aborda novamente o método das narrativas orais de história de vida e a importância dos relatos, das imagens e das subjetividades. Nesse trecho, são

apresentadas diversas imagens de grupos de pessoas em torno do suposto carro da família, de cenas domésticas ao lado de um berço ocupado por um bebê, de homens e mulheres, das mais variadas faixas etárias, em ambientes externos.

O vídeo esclarece que apenas pequenas partes da história da região foram contadas, porém as centenas de relatos coletadas pelo Núcleo de Memórias do ABC, em conjunto com o Laboratório Hiper mídias, podem ajudar a construir ainda mais a história local: “O sujeito evoca suas lembranças e elabora discursos para expressá-los. Torna-se sujeito de sua própria ação, contando sua história. Nessa metodologia, sujeito e cultura se fundem e possibilitam a compreensão do universo cotidiano e das práticas sociais”.

Nos últimos segundos do vídeo, alguns dos depoentes anteriores expressam as emoções que afloraram enquanto gravavam. Inicia-se o áudio da música “Mensagem”, de Isaurinha Garcia, enquanto são mostrados fotogramas dos depoentes. Ao final, a música em *off* passa a ser em primeira voz, quando o rosto de uma das depoentes e seu canto são revelados ao espectador.

A primeira análise que se pode fazer é sobre a concepção desta narrativa de memória e como a história do ABC pode ser contada por meio das narrativas orais. O recurso tradicional da linha do tempo, como narrativa linear, foi empregado para fins pedagógicos. Mas não apenas ele: a voz em *off*, o fundo musical e as falas entremeadas permitiram organizar trechos dos relatos orais de pessoas que contaram suas histórias de vida. Conjugando a narrativa linear da história com a narrativa fragmentada da memória, constituímos, assim, a nossa própria forma de contar.

Com Paul Ricoeur (2010, p. XI), podemos perceber que é por meio da narrativa que a experiência do tempo se torna acessível aos seres humanos. Nela comparece um “jogo dos tempos”, ou seja, novas possibilidades de uso dos tempos verbais que se configuram com a enunciação. Existe o tempo do narrar e o tempo do narrado, que se conjugam como um jogo de linguagem, de enunciação que traz a experiência humana para o mundo (RICOEUR, 2010, pp. XVI e XVII).

Paul Ricoeur (1994, p. 96) reproduz a discussão de Santo Agostinho sobre o tempo na narração:

Presente do futuro? *Doravante*, isto é, a partir de agora, comprometo-me a fazer isto *amanhã*. Presente do passado? Tenho agora a intenção de fazer isto porque *acabei* justamente de pensar que... Presente do presente? *Agora* faço isto, porque agora posso fazê-lo: o presente efetivo do fazer atesta para o presente potencial da capacidade de fazer e constitui-se como presente do presente.

Mas a problematiza em seguida:

O que importa é a maneira pela qual a práxis cotidiana ordena, um em relação ao outro, o presente do futuro, o presente do passado, o presente do presente. Porque é essa articulação prática que constitui o indutor mais elementar de narrativa (RICOEUR, 1994, p.96).

Esse é o jogo de tempos que encontramos no vídeo em análise ao unir a linha cronológica

às narrativas orais de histórias de vida. E assim, parece que a história se insere na ação e na vida das pessoas, da mesma maneira que a vida das pessoas se insere na história.

Nesse vídeo em particular é possível ver não apenas as imagens iconográficas que ali se dispuseram, como as imagens de trens se referindo à marcante presença da linha férrea na região; os navios no porto de Santos, uma alusão metafórica à chegada dos vários imigrantes que se instalaram no ABC desde o final do século XIX. Muitas das imagens apresentadas são constituídas pelas narrativas orais: cada um, ao seu modo e conforme sua imaginação, pode enxergar a “sua” estação de trem na descrição narrada por um terceiro. Voltamos, novamente, ao pensamento de Lúcia Santaella (2008, p.15), já citado anteriormente: “o domínio imaterial das imagens na nossa mente”.

Construímos, assim, nossas imagens conforme ouvimos os relatos. Todavia, mais do que trens e estações, vemos as pessoas em movimento nos espaços narrados, suas posições sóciopolíticas (como o industrial que se sente constrangido com a resistência à ditadura pelos operários, o artista que protesta contra o estado autoritário e a senhora que se sente até hoje magoada pelo desaparecimento dos amigos) e seus papéis na história.

Pelas narrativas orais, não alcançamos as causas que geraram seus atos, tampouco seus movimentos, suas decisões. Também não estudamos as consequências geradas, mas compreendemos como as pessoas viveram em um certo tempo e narram suas histórias de vida.

4 A História e as histórias do ABC

A história das cidades do ABC⁴, comumente escrita nos livros de história, trata das mudanças econômicas e políticas do Brasil, inserida no contexto do desenvolvimento industrial brasileiro. Costuma ter como ponto de partida a instalação das primeiras indústrias de barro, cerâmica e tecelagem no início do século XX, até a chegada das grandes indústrias metalúrgicas e multinacionais, na década de 1950. Na segunda metade do século XX, foi palco de movimentos sociais e sindicais de envergadura para a história do país. As mudanças das décadas de 1970 e 1980 podem ser explicadas pelos processos de globalização pelas quais passaram as sociedades mundiais e brasileiras e, sobretudo, aquelas que tinham sua vida muito baseada na economia industrial, como a região do ABC.

Aqui resumimos a tradicional concepção histórica e positivista (porque linear e comprovada por documentos) sobre as cidades do ABC Paulista. No entanto, nos perguntamos: como ficaram os outros, as mulheres e os homens comuns? As histórias familiares, as recordações pessoais, os conhecimentos não oficiais, não institucionalizados? O que houve com os artistas de teatro, por exemplo? O que faziam enquanto essa história explicada acontecia? Os operários, personagens dessa história clássica do movimento operário do ABC, se reconhecem

4 A região atualmente é formada por sete cidades. No entanto os estudos do Memórias do ABC contemplam três delas - Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul – que originaram a região.

dessa forma? E os descendentes de imigrantes europeus, ainda se identificam com as cidades onde tantos outros, anteriormente a eles, se estabeleceram, compondo uma nova formação sócioétnica?

Em função dessas perguntas e de muitas outras (raramente com respostas) é que os pesquisadores do Memórias do ABC se preocuparam em organizar o acervo do *HiperMemo* para possibilitar às mais diversas pessoas -- nós mesmos, os pesquisadores; os próprios narradores; outros cidadãos locais --, a ouvirem e compreenderem a história social desta região, ainda que desprovida de explicações históricas de causas, efeitos e consequências para os fatos seguintes.

Ouvimos as histórias. Compreendemos os acontecimentos. Formamos as imagens da história. E, por fim, constituímos nossa memória e nossa identidade – ambas aqui, fragmentárias, efêmeras, locais, como nos alerta Michel Pollack (1989, p. 9):

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Além do mais, o relato oral carrega consigo crenças, valores e tradições. Segundo Jacques Le Goff (1990, p.9), toda história começa por um relato, pela “narração daquele que pode dizer ‘eu vi, senti’”. Este aspecto da história-relato, da história testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica”.

Os dois vídeos comentados demonstram como a memória se expressa nas mídias e são significativos para expor a metodologia que o Núcleo Memórias do ABC tem desenvolvido ao longo dos últimos 13 anos. Sob duas concepções distintas, não linear no tempo e linear, mostram como as narrativas orais de histórias de vida contribuem para o conhecimento da história do local. No entanto, ao unir as duas produções, citamos as principais características do método, que reiteramos aqui: a subjetividade dos depoentes; as imagens que despertam um tempo vivido e, ao mesmo tempo, projetam um futuro imaginado ou experimentado; a emoção que irrompe de maneira inesperada; a câmara fixa; o silêncio do entrevistado; as músicas que fecham as gravações, como se as coroasse.

No primeiro vídeo, o inaugural, de aproximadamente 10 minutos, a justaposição de depoimentos aponta para o *continuum* do tempo: são apenas os (re)cortes que encadeiam os temas e sua compreensão, ainda que tenham decorrido várias décadas entre o que é relatado e o relato propriamente dito. Já no segundo vídeo, o mais recente, de pouco mais de 14 minutos, a narração em *off* e a cronologia linear do tempo costuraram os depoimentos, mas também nele se configura a ideia do tempo que se atualiza a cada vez que o passado é evocado.

Considerações Finais

A experiência no Memórias do ABC configura-se, portanto, como um processo de comunicação dessa história construída pelo relato da memória das pessoas que viveram suas vidas nas cidades. O caráter comunicativo da memória permite a esse sujeito que narra organizar

e sistematizar seu relato. As narrativas orais de histórias de vida possibilitam o exercício da ação e da participação na História, sem a preocupação em explicar suas causas e efeitos, mas apenas compreender sua ação no mundo em que vive.

Diante de suas próprias experiências, os narradores, partícipes da história, podem definir o que é importante e o que é irrelevante na história dos municípios, na história local. O relato oral não é apenas histórico, mas também sociológico, antropológico e cultural. Baseia-se “nessa forma fundamental de interação humana, que transcende as disciplinas” (THOMPSON, 2006, p.20).

Sabemos que as histórias contadas nem sempre são representações exatas do passado. Ao contrário da informação, que só tem valor no momento em que é novidade, a narrativa, mesmo depois de muito tempo, consegue se desenvolver. Como ressalta Walter Benjamin (1994, p.205), a narrativa “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

Portanto, diante dessas premissas e dos resultados aqui apresentados sucintamente, defendemos que, assim como os documentos da história positivista, as memórias de pessoas comuns, das coisas miúdas, a história do cotidiano que conta mais do que explica, que narra mais do que disserta, que encanta mais do que canta, também colaboram para a compreensão dos tempos passado, presente e futuro.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira. Caminhos cruzados no mundo digital: a hipermídia e a memória. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 11, n. 21, p. 16-23, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1176/889>. Acesso em: 19 jun. 2017.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira. Sujeito social, memória e comunicação: a experiência hipermidiática do sistema HiperMemo. In: PESSONI, Arquimedes; PERAZZO, Priscila Ferreira. **Neorreceptor no fluxo da comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p.107-122. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0403-3.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 16.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MEIHY, João Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./jul. 2015. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754>. Acesso em: 14 jul. 2017.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994..

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003.

THOMPSON, Paul. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP, Museu da Pessoa e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 19-43.

Vídeos:

Narrativas Oraís de Histórias de Vida. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/0Bxsy3kmBFVL7YjBUYjRfSXF0Mms>>. Acesso em: 25 julho 2017.

LEMBRANÇAS da cidade. Direção geral de Vanessa Guimarães de Macedo. Produção executiva da Professora Dr^a Priscila Ferreira Perazzo. Universidade Municipal de São Caetano do Sul: Projeto Memórias do ABC, 2004. Vídeo (10 min e 40seg). Disponível em: <http://memoriasdoabc.uscs.edu.br/?page_id=199>.

Recebido em: 19/01/2018

Aprovado em: 12/08/2017